

# INSTRUMENTALIZAÇÃO DA ENFERMAGEM PARA IMPLANTAÇÃO DA ESCALA DE AVALIAÇÃO DA DOR NA URPA, RELATO DE EXPERIÊNCIA

MEIER, Alcione Carla<sup>1</sup>; ROSA, Marina Calegaro da<sup>2</sup>; PRETTO, Carolina Renz<sup>3</sup>;  
STUMM, Eniva Miladi Fernandes<sup>4</sup>

**Palavras- Chave:** Dor. Cuidados de Enfermagem. Dor Pós-operatória. Assistência Perioperatória.

## INTRODUÇÃO

A dor é uma experiência única, individual que compromete o organismo do indivíduo como um todo. É classificada em aguda e crônica. A aguda associa-se à lesão de tecidos e possui curta duração. A crônica é persistente, evento complexo e de natureza biopsicossocial. A referida sensação, é um problema de saúde coletiva, exige abordagem multidisciplinar, holística, integral, que considere aspectos físicos, psicológicos, espirituais, sociais e financeiros. O alívio da dor tem recebido reconhecimento a nível mundial como direito fundamental da pessoa (AMAYA-ROPERO; CARRILLO-GONZÁLEZ, 2015).

A avaliação e mensuração da sensação dolorosa são importantes parâmetros para intervir no tratamento (BOTTEGA et al., 2014). Contudo, a manifestação ocorre de maneira diversificada, o que prejudica a identificação dos sinais indicativos (CRUZ; STUMM, 2015).

Quando não aliviada, a dor pode afetar os sistemas respiratório, cardiovascular, gastrointestinal, endócrino e imunológico (BARBOSA et al., 2014).

O pós-operatório imediato é o período em que os pacientes sentem dor e é de responsabilidade da enfermagem utilizar medidas adequadas para o tratamento da mesma (SANCHO; CARVALHO, 2013). O cuidado com esse sinal está relacionado à implantação de protocolos de avaliação e manejo. Para tanto, é necessário que a enfermagem faça uma

---

<sup>1</sup> Enfermeira, Pós-graduanda do Curso *Lato Sensu* em Enfermagem em Centro Cirúrgico, Recuperação Pós-Anestésica e Central de Materiais e Esterilização - UNIJUÍ. E-mail: alcione\_carla@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Enfermeira, Aluna especial do Mestrado em Atenção Integral à Saúde UNICRUZ/UNIJUÍ. E-mail: marinacalegaro@hotmail.com

<sup>3</sup> Enfermeira, Mestranda em Atenção Integral à Saúde UNICRUZ/UNIJUÍ. E-mail: carol\_pretto14@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Enfermeira, Doutora em Ciências-Enfermagem-UNIFESP, Docente permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* - Mestrado em Atenção Integral à Saúde UNICRUZ/UNIJUÍ.

descrição detalhada sobre a dor, que inclua localização, distribuição, irradiação, tipo, intensidade, periodicidade e duração, de forma a contemplar o cuidado integral (LASAPONARI et al., 2013).

Manejar a dor é um desafio para a enfermagem, pois, além de lidar com as particularidades de cada paciente, deve respeitar o seu direito de não sentir dor, quando há possibilidade de evitá-la. Neste contexto, avaliação, gestão e tratamento da dor interferem na morbidade, tempo de internação, conforto e previne complicações. Dessa forma, a educação e a instrumentalização da equipe de saúde são essenciais no cuidado e tratamento da dor. A utilização de escalas validadas garante excelência e segurança na assistência ao paciente (BOTTEGA et al., 2014).

Diante dessas considerações, objetivou-se com esse estudo avaliar e refletir sobre a instrumentalização da equipe da enfermagem para implantação da escala de avaliação da dor na Unidade de Recuperação Pós-Anestésica (URPA).

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um relato de experiência, construído a partir da atuação em um centro cirúrgico e URPA, de um hospital geral, porte IV, localizado na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, relatos de experiência são produções científicas, metodológicas que refletem acerca de situações profissionais vivenciadas na prática com contribuições para o ensino, pesquisa, assistência e extensão (CAVALCANTE; LIMA, 2012).

A URPA destina-se a assistência intensiva de pacientes em pós-operatório imediato e à recuperação após serem submetidos à anestesia (CALLEGARO et al., 2010). A mesma disponibiliza 10 leitos para pacientes em pós-operatório imediato (POI). A equipe constituída por um enfermeiro assistencial e oito técnicas de enfermagem foi instrumentalizada para avaliação da dor como quinto sinal vital.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Como acadêmica de enfermagem, fui oportunizada a trabalhar com Avaliação da Dor, Estresse e *Coping* de Pacientes e Familiares no Âmbito Hospitalar. O conhecimento adquirido no decorrer desse processo, possibilitou a percepção da importância da avaliação da dor, por meio de um instrumento validado, para qualificar o cuidado no ambiente de trabalho.

O número expressivo de pacientes que relata dor no pós-operatório imediato mostra que ela deve ser foco de atenção do enfermeiro e de toda a equipe multiprofissional. Neste sentido, a analgesia da dor pode resultar em recuperação rápida, colaborar no tratamento e favorecer resultados pós-cirúrgicos (BARBOSA et al., 2014).

Partindo desses pressupostos, fui instigada a implantar a avaliação da dor na URPA. Inicialmente, contatei com o Enfermeiro responsável da unidade, a fim de situá-lo quanto à estratégia que seria utilizada para preparar a equipe com vistas à implantação da escala de avaliação da dor. Sequencialmente, foi agendada uma palestra para instrumentalização. A mesma ocorreu no dia 26 de agosto de 2015, em uma sala de serviços de enfermagem, da instituição, durante os turnos, manhã, tarde e noite.

A palestra ocorreu em dois momentos: o primeiro com toda a equipe, no qual foi abordado o conceito de dor, uso da escala de McGill de Dor – forma reduzida, com ênfase na escala visual numérica. No segundo momento, foram sanadas as dúvidas dos trabalhadores em relação ao instrumento a ser aplicado, efeitos nocivos da dor no organismo, anestesia, tratamento farmacológico e não-farmacológico. Houve imediata aceitação de todos, que relataram sentir-se motivados a trabalhar em prol da qualidade do cuidado ao paciente. Afirmaram que desconheciam a escala da dor.

Desde janeiro de 2000, a entidade norte-americana de avaliação de hospitais, a *Joint Commission on Accreditation on Healthcare Organizations* (JCAHO), publicou uma norma que descreve a dor como o quinto sinal vital. Para tanto, ela deve ser sempre avaliada com a mesma seriedade que os demais sinais vitais, o que é necessário para adotar condutas apropriadas (QUEIRÓZ et al., 2015).

Neste contexto, Lasaponari et al. (2013) relatam que o uso de instrumentos de avaliação da dor orienta a assistência de enfermagem no POI. Os autores destacam a necessidade de estudos direcionados à temática, com o uso de escalas para avaliação da dor e treinamento contínuo da equipe de enfermagem, para garantir uma assistência humanizada e integral.

Por mais que a dor é esperada após a cirurgia, a equipe relata que, muitas vezes, tem dificuldade no manejo da mesma e considera que com a implantação da escala de dor qualifica a assistência prestada, reduz o sofrimento do paciente do POI e favorece sua recuperação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação e manejo da dor de pacientes em POI é atribuição da equipe multiprofissional, especialmente da enfermagem. A utilização de escalas de avaliação da mesma é um dos subsídios para monitorar e nortear as condutas de enfermagem frente à dor. Nesse sentido, a instrumentalização da equipe torna-se necessária, contribui para uma abordagem holística, que leve em conta aspectos biopsicossociais, com repercussão na morbidade, tempo de internação, conforto e prevenção de complicações futuras.

## REFERÊNCIAS

AMAYA-ROPERO, M. C.; CARILLO-GONZÁLEZ, G. M. Apoyo social percibido y afrontamiento en personas con dolor crónico no maligno. **Chía**, Colombia, v. 15, n.4, p.461-474, 2015.

BARBOSA, H. M. et al. Pain assessment intensity and pain relief in patients post-operative orthopedic surgery. **Escola Anna Nery**, v.18, n.1, p.143-147, 2014.

BOTTEGA, H. B. et al. **Evaluation of pain in neonates and children in intensive care.** Journal of Research: Fundamental Care, v.6, n.3, p.909-917, 2014.

CALLEGARO, D. G. et al. Cuidado perioperatório sob o olhar do cliente cirúrgico. **Revista Rede de Enfermagem do Nordeste**, v.11, n.3, p.132-142, 2010.

CAVALCANTE, B. L. L.; LIMA, U. T. S. de. Relato de experiência de uma estudante de enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. **Journal Nursing of Health**, Pelotas, v. 1 n. 2, p. 94-103, 2012.

CRUZ, T. C.; STUMM, M. F. E. Instrumentalização e implantação de escala para avaliação da dor em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: relato de caso. **Rev. Dor**, v.16, n.3, p. 232-34, 2015.

LASAPONARI, F. E. et al. Revisão integrativa: dor aguda e intervenções de enfermagem no pós-operatório imediato. **Revista SOBECC**, v.18, n.3, p.38-48, 2013.

QUEIRÓZ, G. T. D. et al. PAIN – 5<sup>th</sup> VITAL SIGN: NURSES' KNOWLEDGE. **Journal of Nursing UFPE**, Recife, v.9, n.4, p.7186-92, 2015.

SANCHO, M. C. C. A.; CARVALHO, R. Pain-related evaluation and interventions in children in the anesthetic care unit. **Revista Dor**, v.14, n.1, p.31-4, 2013.